



Embaixador se posiciona no Conselho de Segurança pela condenação do ataque à Ucrânia. Mas o representante de Moscou, que tem poder decisivo, impede a adoção da medida

BRASIL VOTA NA ONU CONTRA A RÚSSIA, QUE VETA RESOLUÇÃO

TIERS MARTINS E LUANA PEREIROLO

Sob pressão das embaixadas dos Estados Unidos e da Ucrânia, o Brasil votou ontem, no Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU), a favor de uma resolução que condena a invasão de tropas russas. O embaixador do Brasil na ONU, Ronaldo Costa Filho, disse que o conselho de segurança deve agir urgentemente diante da agressão da Rússia. 'Devemos buscar um espaço para diálogo enquanto garantimos que a invasão do território soberano seja inaceitável. A missão do Conselho de evitar a guerra falhou, é nosso dever buscar caminhos para negociarmos a paz. Não podemos desistir enquanto isso não for alcançado', afirmou. Mas, apesar de 11 dos 15 membros do Conselho de Segurança terem votado a favor, a resolução foi rejeitada, porque a Rússia, que tem poder de veto, votou contra.

A Rússia foi a única a barrar a resolução, já que China, Emirados Árabes Unidos e Índia se absteram. O embaixador do país na ONU, Vasily Nebenzya, afirmou, durante a reunião, que a decisão reconhece a independência de duas regiões separatistas na Ucrânia não irá se dissolver e que irão proteger essas duas áreas. 'Nos devemos pensar nas vidas humanas e no destino das pessoas de Donetsk e Luhansk. Nossa resolução em torno das duas repúblicas não será interrompida, nós vamos guardar e proteger', disse de para justificar o veto, acrescentando que a Rússia não ficará 'indiferente ao destino das pessoas em Donetsk'. Nebenzya também acusou a Ucrânia e a comunidade internacional de não colaborarem com os diálogos na região.

A representante dos Estados Unidos, a embaixadora Linda Thomas-Greenfield, foi a primeira a discursar durante o encontro do Conselho de Segurança. 'Também vimos russos protestando contra as atitudes de Putin, eles não querem ver pessoas inocentes morrendo pela ambição dele. Nós estamos obrigados a soe-lhe de não virar as costas para os ucranianos', disse. Mais cedo, o encarregado de negócios



A embaixadora dos EUA, Linda Thomas (à esquerda), e o representante da Ucrânia, Serhij Kyrylytsy (de frente), no ONU

“Devemos buscar um espaço para diálogo enquanto garantimos que a invasão do território soberano seja inaceitável. A missão do Conselho de evitar a guerra falhou, é nosso dever buscar caminhos para negociarmos a paz. Não podemos desistir enquanto isso não for alcançado”

Ronaldo Costa Filho, embaixador do Brasil no ONU

da embaixada da Ucrânia no Brasil, Anatoly Tkach, coberto do Brasil em entrevista coletiva ontem, uma 'ação mais forte' contra a Rússia no conflito com a Ucrânia. O presidente Jair Bolsonaro (PL) ainda não se pronunciou contrário ao ataque, apesar de o governo já ter emitido nota em apoio à Ucrânia por meio do Palácio do Itamaraty. Anatoly Tkach disse que espera da comunidade internacional imposição de sanções, incluindo a expulsão da Rússia do Swift (sistema internacional de bancos), expulsão da Rússia nos fóruns internacionais, apoio financeiro, apoio com armas e ajuda humanitária. 'Agradecemos a todos os nossos parceiros. A Polónia emprestou quase US\$ 1 bilhão. Também agradecemos as sanções

fortes do Canadá, União Europeia, Estados Unidos e Reino Unido', disse. Anatoly Tkach ainda atualizou os números do conflito. De acordo com ele, até o momento foram abatidos sete aviões e seis helicópteros russos e mais de 800 pessoas morreram.

A embaixada dos Estados Unidos também cobrou um posicionamento de Bolsonaro sobre a guerra na Ucrânia. O encarregado de negócios da embaixada dos EUA, Douglas Koreff, disse que o parecer do Brasil 'importa muito' e que espera que o governo brasileiro se posicione. 'Para buscar qualquer posicionamento do presidente [Bolsonaro], teria que procurar o Brasil, mas as falas que condenam as ações russas que violam as leis ajudam muito a diminuir essa crise', disse Koreff, que substituiu o embaixador dos EUA no Brasil no momento. Diplomata também citou que o Brasil tem um assento no Conselho de Segurança das Nações Unidas e ressaltou que falas que

condenam as ações russas ajudam a diminuir a crise no Leste Europeu.

Bolsonaro ficou em silêncio e ainda não tomou partido sobre os ataques da Rússia à Ucrânia. Em live na quinta-feira, de crítica ao seu vice, Hamilton Mourão, sobre o papel do Brasil na guerra da Ucrânia. O chefe do Executivo afirmou que o vice está 'dando pernaada naquilo que não lhe compete'.

Bolsonaro admitiu que a visita à Rússia tomou proporções inesperadas e que, desde o ano passado, quando foi pela primeira vez, o mundo vem conversando com o governo brasileiro. Apesar de não criticar o presidente russo Vladimir Putin, que ordenou a invasão à Ucrânia, Bolsonaro disse que o posicionamento dele é pela paz.

DIPLOMACIA O professor de direito internacional e de relações internacionais Luis Fernando Baracho da Universidade São Judas Tadeu (USJT), lembra que o Brasil ocupou pela 11ª vez, uma cadeira no Conselho de Segurança e teria mesmo de apresentar uma posição diplomática a respeito do conflito. 'Individualmente, o que se pode fazer em um conflito dessa natureza é muito pouco. Mas, por meio de órgãos multilaterais, em especial via Conselho de Segurança, o Brasil pode buscar construir canais diplomáticos de solução pacífica do conflito', destaca. 'Todavia, ainda está para se confirmar o que a diplomacia presidencial pensa a respeito do conflito e o que a chancelaria brasileira pretende realizar. Experiência diplomática nos temens, o que falta saber é se haverá uma orientação construtiva dos tomadores de decisão em Brasília', aponta o especialista.

Baracho também citou que a Rússia tem um regime autoritário competitivo, ou seja, um modelo híbrido com características democráticas, mas inseridos em um contexto maior autoritário. 'Governos com esse tom tendem a ser centralizados e muitas vezes pessoais. Logo, quando as coisas vão bem, a liderança de plantão se beneficia; quando vão mal, há de encontrar um culpado', explica.

Brasileiros fogem em trem, diz embaixada

MICHELLE PORTELA

Brasília — A embaixada do Brasil em Kiev, capital da Ucrânia, emitiu comunicado para a fuga pela fronteira com Romênia aos brasileiros que estão no país invadido pela Rússia. Segundo a diplomacia brasileira, um trem partiu da Estação Central de Kiev na noite de ontem, com destino à cidade de Chernivtsi, no Oeste do país, na fronteira com o país vizinho, Romênia, onde a embaixada brasileira apontou ter condições de receber os brasileiros. Teriam embarcado no trem 20 brasileiros. O chanceler brasileiro, Carlos França, confirmou o empenho para tirar os brasileiros.

'Caso considerem que a situação de segurança em suas localidades o permita, cidadãos brasileiros e latino-americanos registrados junto à embaixada poderão dirigir-se à estação. Não é necessário comprar bilhetes. A chefe da estação está avisada do assunto, e ficará atendendo os cidadãos brasileiros e latino-americanos. Sugere-se que os interessados cheguem com antecedência', diz o comunicado.

Alinda de acordo com informações da embaixada brasileira, a situação de segurança e de disponibilidade de transporte na cidade é instável e sujeita a mudanças repentinas, de modo que não é possível garantir a partida ou lugares suficientes. As autoridades do Brasil no país deverão dar prioridade de embarque a milhares, crianças e idosos e alertam que não podem garantir a segurança dos brasileiros. Os cidadãos que decidirem escolher essa viagem o farão por conta e risco próprio. A embaixada terá condições mínimas de prestar ajuda durante o trajeto até a fronteira com



Chanceler Carlos França confirmou empenho para saída de brasileiros da Ucrânia

a Romênia', completa a nota. Para embarcar, os brasileiros precisam estar com documentos pessoais em mãos e devem estar atentos aos informes pelo Telegram e Facebook da embaixada do Brasil na Ucrânia.

Pelo menos 200 brasileiros já se cadastraram na embaixada do Brasil em Kiev para deixar o país, de acordo o Ministério das Relações Exteriores (MRE). No entanto, o Itamaraty informou que ainda não há 'condições de segurança' nem logística para fazer o resgate de todos, uma vez que o espaço aéreo do país está fechado.

'Para os brasileiros que estão na região Leste da Ucrânia [territórios de Do-

netzk e Luhansk], recomendamos que deixem o local e se desloquem para a capital, Kiev. Aos que estão na região da fronteira, orientamos que deixem o país', disse o embaixador Leonardo Dourado ao corpo de comunicação do órgão, em entrevista coletiva, em Brasília. 'Não estão dadas as condições de segurança para que essas pessoas sejam evacuadas', completou.

De acordo com o Itamaraty, cerca de 500 brasileiros vivem na Ucrânia. Eles podem entrar em contato com o corpo diplomático brasileiro por meio do site da embaixada em Kiev, na página no Facebook e em grupo do aplicativo Telegram.

“Estamos esperando aqui fora perto do bunker. Caso ocorra algum ataque, a gente vai para dentro. Estamos aguardando porque teve um aviso agora que vai haver vários ataques na cidade”

David Abu-Gharbil, engenheiro de Minas Gerais que vive em Kiev

VIDA NO BUNKER

O Correio Braziliense/Estado de Minas conversou com um brasileiro que pediu para ter a sua identidade preservada devido ao risco de segurança. 'Chegamos a Kiev em 22 de fevereiro à noite e é onde eu estou até o momento. Acordamos na madrugada [do horário local] com o barulho de bombas, fechamos as portas e nos juntamos a outras famílias brasileiras. Estamos compartilhando o lugar representado pelo nosso escritório, e o clube nos colocou no hotel. Aos poucos, se juntaram a nós portugueses, a comissão técnica do clube, que é italiana, e alguns ucranianos', contou.

'Por volta das 13h30 [hora local], o hotel avisou que havia helicópteros sobrevoando e que teríamos que ir para um bunker, onde estamos agora. Aqui tem estrutura, água, medicamentos, colchões, café e mantimentos. Estamos aguardando que o governo se posicione. Tentamos contato com a embaixada, que levou as mãos, deu medidas contraditórias e limitadas. O chefe fez mais que embaixada', relatou também o brasileiro.

O engenheiro de eletrônica mineiro David Abu-Gharbil diz que se mudou há dois meses para Kiev e vive a tensão da guerra. Ele publicou um vídeo nas redes sociais no qual mostra pessoas ao lado de um bunker. 'Estamos esperando aqui fora perto do bunker. Caso ocorra algum ataque, a gente vai para dentro. Estamos aguardando porque teve um aviso agora que vai haver vários ataques na cidade', afirma David, que nasceu em Copacabana, cidade com 9 mil habitantes, no Sul de Minas.

Para Rodrigo Amaral, professor de Relações Internacionais da PUC/SP, o governo ucraniano não deverá impor restrições aos brasileiros em seu território. No último dia 19, a embaixada brasileira em Kiev pediu aos brasileiros que estavam no Leste da Ucrânia para saírem do país. 'Considerando os protocolos de retirada, sair não é complexo. Não é do interesse que morram civis de outros países', destaca.

Pedro Felício Ribeiro, professor e pesquisador do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo (USP), analisa que a guerra entre Rússia e Ucrânia ainda deverá mobilizar aliados em todo o mundo. 'Como desde 2017 os Estados Unidos (que apoiam a Ucrânia) iniciaram uma campanha de contenção à China, aberta ao público. Não acredito ser uma surpresa que a China apoie a Rússia.



Estados Unidos e líderes do continente onde ocorre o conflito anunciam novas sanções ao presidente da Rússia e também ao ministro dos Negócios Estrangeiros, Sergei Lavrov

CASA BRANCA E UE CONGELAM ATIVOS FINANCEIROS DE PUTIN

ROZANE OLIVEIRA

Brasília – Os EUA e os 27 chefes da diplomacia da União Europeia (UE) chegaram ontem a um acordo para estender as sanções ao presidente russo, Vladimir Putin, e ao ministro dos Negócios Estrangeiros, Sergei Lavrov, com congelamento de ativos financeiros na UE. A informação foi anunciada pelo ministro dos Negócios Estrangeiros português, Augusto Santos Silva, em entrevista em Bruxelas. “Este pacote alarga a lista de personalidades, de pessoas singulares e de entidades russas objeto de sanções”. Além de Putin e Lavrov, o primeiro-ministro, Mikhail Mishustin, também será sancionado.

Este é um segundo pacote de sanções decidido pelos 27 ministros face à invasão da Ucrânia. O primeiro foi adotado formalmente na quarta-feira e incluía o ministro da Defesa russo, Sergei Shoigu. “É um pacote de sanções muito duro, a uma escala nunca vista, como tínhamos dito que faríamos em caso de agressão militar da Rússia à Ucrânia”, observou o chefe da diplomacia portuguesa.

Santos Silva apontou que foram também acrescentados “quatro bancos russos à lista de entidades bancárias russas sujeitas a interdição de quaisquer relações de natureza económica ou financeira no espaço da UE”, tendo essa interdição sido alargada “às diversas empresas nas quais esses bancos participam”. Também interditiámos a exportação de bens de duplo uso, portanto bens de uso civil que possam ser usados também para uso militar, e interditiámos a venda a entidades russas de equipamentos e componentes tecnológicos necessários para três setores, da aviação, da energia e de outros ramos de transportes”, prosseguiu.

O ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal considerou que “este pacote dirige-se ao coração da atividade económica da Rússia e constitui uma limitação muito severa da sua capacidade de ação”. “Esperamos que as autoridades russas compreendam que os custos que pagam e continuarão a pagar enquanto não pararem a agressão militar à Ucrânia são elevados e serão cada vez mais elevados. Usei também o tempo verbal do futuro, visto que, em con-



A secretária de imprensa da Casa Branca, Jen Psaki, anunciou mais medidas financeiras restritivas contra o líder russo

sonância com a orientação do Conselho Europeu, a nossa decisão foi também de continuar com os trabalhos de alargamento do universo de setores ou de pessoas a sancionar, e o conteúdo das sanções”, disse o português.

O primeiro-ministro de Portugal, Antonio Costa, afirmou que “houve uma convergência total no entendimento que é fundamental reforçar as ações de dissuasão, tendo em conta esta clara violação do direito internacional” e o fato de “haver uma ação militar totalmente injustificada” por parte da Rússia. Ficou acordado, que todos os participantes da Otan reforcem a presença no países que fazem fronteira com a Ucrânia, principalmente na Roménia. Participaram desta reunião, além dos estados-membros da Otan, Suécia e Finlândia, que têm estatuto de neutralidade. A presença dos dois países no encontro causou reação russa. O governo Vladimir Putin ameaçou Suécia e Finlândia de sanções económicas e, até militares, caso adiram a aliança.

O ministro francês, Bruno Le Maire,

anfitrião da reunião, dedicada em grande parte à invasão da Ucrânia, afirmou que as medidas afetarão “todos os interesses russos, sempre e até quando for necessário”. Tomamos também a decisão de preparar novas sanções mais penalizadoras contra instituições financeiras russas.”

Presente na reunião em Paris, Christine Lagarde, presidente do BCE, assegurou que tanto o BCE como todos os bancos centrais europeus vão “implementar de forma rigorosa” as sanções adotadas, com a líder europeia a apontar que ainda não se pode avaliar o impacto deste conflito na economia dos 27 estados-membros da UE. Antes mesmo de um anúncio oficial de novo pacote de sanção pela cúpula da União Europeia, o ministro da Economia e das Finanças francês anunciou o congelamento de todos os bens de figuras políticas e económicas russas visadas. “A nível nacional, pedei que reexamessem a integralidade de bens em França de personalidades políticas e económicas que tenham sido

visadas pelas sanções. Vamos bloquear o acesso de todas essas personalidades aos seus bens em solo francês”, declarou.

CASA BRANCA Em Washington, a secretária de imprensa da Casa Branca, Jen Psaki, disse que a decisão dos EUA veio após um telefonema entre o presidente Joe Biden e a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen. “Os EUA se juntarão a eles para sancionar o presidente Putin e o ministro das Relações Exteriores, Lavrov, e membros da equipe de segurança nacional russa”, afirmou. Questionada sobre o que havia mudado entre a sexta-feira e a quinta-feira, quando Biden anunciou nova rodada de sanções que não incluía Putin, Psaki afirmou que a opção “está sendo considerada e está na mesa há algum tempo”. “A visão forte do presidente deste conflito, e mesmo antes que eu deveria dizer, tem sido tomar ações e passos em alinhamento com nossos parceiros europeus, e isso certamente é uma evidência disso”, afirmou. (Com agências)

“A Rússia vai pagar”, diz líder da Otan

RONALDO NUNES

O secretário-geral da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), Jens Stoltenberg, afirmou, durante entrevista coletiva na sede da aliança militar, em Bruxelas, na Bélgica, que a entidade já tem pronta uma defesa militar para agir caso a Rússia invada qualquer território de um país membro. Segundo ele, são cerca de 14 mil soldados (dos Estados Unidos e de países da Europa), 50 aviões e 20 navios (incluindo três porta-aviões de ataque). A Otan é formada por 26 países (Bélgica, Canadá, Dinamarca, Estados Unidos, França, Islândia, Itália, Luxemburgo, Holanda, Noruega, Portugal, Reino Unido, Grécia, Turquia, República Tcheca, Hungria, Polónia, Bulgária, Estónia, Letónia, Lituânia, Roménia, Eslováquia, Eslovénia, Albânia e Croácia).

Stoltenberg fez duros ataques à Rússia por causa da invasão da Ucrânia. Disse que “a Rússia abalou a paz em Europa e rasgou acordos que eram feitos antes para poder manter a paz no mundo todo. E que a guerra contra a Ucrânia não vai fazer a Rússia ser mais respeitada no mundo”. Stoltenberg defendeu ainda que “a Rússia vai continuar a perseguir seus objetivos”, mas que “o mundo fará Moscou e a Rússia pagarem pelos atos”.

A Otan também indicou que está em contato com o governo ucraniano e reforçou o apoio ao país do leste europeu: “Nossos parceiros estão se juntando a nós, e estamos nos preparando para fazer mais (...) As forças ucranianas estão lutando de forma corajosa e ainda contando perdas para os russos”, disse.



Homem tira destroços em edifício residencial bombardeado em Kiev, capital da Ucrânia, após ataque aéreo russo



Radiação aumentou na usina de Chernobyl por causa da mobilização de tropas

Cinquenta mil ucranianos já fugiram do país

Mais de 50 mil ucranianos já fugiram de seu país desde o início da invasão russa, na quinta-feira, informou o alto comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (Acnur). Filippo Grandi. Mais de 50.000 refugiados ucranianos fugiram de seu país em menos de 48 horas, amonta em direção a Polónia e Moldávia. E muitos outros se dirigem para as fronteiras”, afirmou Grandi pelo Twitter. Ele já havia afirmado que o conflito já tinha deslocado cerca de 100 mil pessoas dentro da

Ucrânia, por causa do conflito. Grandi também agradeceu “calorosamente aos governos e cidadãos dos países que deixam suas fronteiras abertas e acolhem os refugiados”. Os ucranianos também fogem para a Hungria e a Roménia.

Em outra mensagem no Twitter, ele agradeceu particularmente à presidente da Moldávia, Maia Sandu, por “ter permitido às pessoas que fogem da Ucrânia atravessarem com toda a segurança a fronteira” com o país e “assegurou-lhe que a

Acnur “fará tudo o possível para ajudar a mobilizar a ajuda internacional enquanto os recebe e acolhe”.

CHERNOBYL Agência nuclear e o Ministério do Interior da Ucrânia afirmaram ontem que foi registrado aumento nos níveis de radiação do local da extinta usina nuclear de Chernobyl, tomada pelos russos na quinta-feira. Os níveis exatos de radiação não foram fornecidos, mas de acordo com a agência nuclear, a alteração

se deve ao movimento de equipamentos militares pesados na área, que pode levantar poeira radioativa no ar. A imprensa, o Ministério do Interior da Ucrânia informou que o aumento “não é crítico para Kiev por enquanto”, mas que está monitorando. “Houve um aumento nos indicadores acima dos níveis de controle às 3h20 (22h20 de quinta-feira no horário de Brasília)”, informou o vice-diretor do departamento ucraniano para questões de segurança em instalações nucleares. Ale-

xander Grigorch, à AFP, já em comunicado ontem, o Ministério da Defesa da Rússia alegou que seis paraquedistas assumiram o controle do território ao redor de Chernobyl, mas estavam trabalhando junto a guardas ucranianos para garantir a segurança das instalações. A região da usina desativada de Chernobyl, no norte da Ucrânia, guarda lixo nuclear desde o acidente catastrófico que causou a explosão de um reator em 1986 e ocasionou a morte direta de, ao menos, 31 pessoas.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: internacional **Página:** 3 e 4